

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Acompanhamento terapêutico e intercorporeidade na esquizofrenia**Mayra Wainstok
Gabriel Engel Becher

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o Acompanhamento Terapêutico (AT) como dispositivo alinhado à fenomenologia clínica, com foco nas patologias estruturais – que, segundo Messas (2021), apresentam rompimento da fundamentação intersubjetiva das experiências. Por meio de um relato clínico narrativo, busca-se compreender como a mediação da rua, o deslocar-se em conjunto e o compartilhar de uma refeição podem favorecer a construção do vínculo terapêutico e a abertura intersubjetiva. Na esquizofrenia, a alteridade costuma ser vivida como estranha, ameaçadora ou incompreensível, o que compromete a possibilidade de vinculação e coparticipação no mundo compartilhado, desafiando as práticas clínicas tradicionais e exigindo formas de aproximação que respeitem a singularidade da experiência dos sujeitos. O objetivo deste trabalho é refletir sobre como o AT pode promover abertura intersubjetiva e adesão terapêutica em contextos de sofrimento psíquico, por meio de elementos do cotidiano. A metodologia parte de um relato narrativo da experiência de AT com um jovem de 17 anos, que havia recusado sucessivas propostas clínicas tradicionais de atendimento; em seguida, a discussão é sustentada pela literatura da Psicopatologia Fenomenológica, para evidenciar as bases intercorporais que tornam o AT decisivo para esse sujeito. A experiência clínica demonstrou que a mediação do espaço urbano e dos rituais cotidianos operou como via possível de aproximação: o vínculo começou com reticência na residência do paciente, fortaleceu-se no deslocamento pela cidade e culminou no compartilhamento de uma refeição, instaurando um encontro mais espontâneo e menos ameaçador. A literatura fenomenológica ancora esse entendimento: Sass (2019) aponta que, em contextos de fragilidade intersubjetiva, formas indiretas de intimidade podem ser mais eficazes do que abordagens diretas; Dörr (1995), por sua vez, destaca que, diante da percepção do outro como ameaça, é necessário reconstruir, na relação, a hospitalidade da proximidade. Nesse sentido, acompanhar o jovem em um trajeto e compartilhar uma

refeição foram decisivos para instaurar um vínculo de confiança que permitiu a aceitação da medicação até então rigidamente recusada. Conclui-se que o AT, sob a ótica fenomenológica, constitui uma estratégia à luz da modificação da experiência intercorporal nas psicopatologias estruturais. A rua, os trajetos e os rituais do cotidiano funcionam como dispositivos terapêuticos de coragem com o outro, convocando o profissional a assumir um lugar de presença no mundo vivido do paciente, onde a clínica se realiza não apenas na palavra, mas também no gesto, no olhar, na partilha e no cuidado encarnado no cotidiano. Afinal, tal qual neste trabalho, Araújo (2013) pondera sobre o entendimento da rua como clínica.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico; Psicopatologia Fenomenológica; Intercorporeidade; Esquizofrenia; Patologias Estruturais.